

PEDAGOGIA

Ensinar é com os professores

A Universidade Federal de Goiás reformula o ensino de Pedagogia. Agora, toda força é dada à formação de professores e docentes, que se libertam da imposição dos técnicos. Mas há quem reclame.

Uma completa reformulação no ensino de Pedagogia está sendo processada dentro da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. As mudanças têm suas raízes nas já remotas discussões sobre a formação do educador, e ganharam força durante a I Conferência Brasileira de Educação, realizada em 1980, quando foi criado o Comitê Pró-Formação do Educador, cuja coordenação nacional esteve sediada na Faculdade de Educação durante dois anos.

Baseados na ideologia de que a função essencial da pedagogia é a formação de educadores docentes responsáveis pela formação do aluno, os defensores desta corrente sustentaram a idéia de que o curso de Pedagogia não deveria mais formar profissionais habilitados em Administração Escolar, Orientação Educacional e Supervisão Escolar.

A idéia vingou e, desde 84, o curso de Pedagogia da UFG passou a se dedicar exclusivamente à formação de professores para a primeira fase do primeiro grau e docentes para lecionarem as matérias pedagógicas do segundo grau. "Acabou a supervalorização técnica", diz Marcos Loureiro, presidente do colegiado do curso, analisando a reformulação do currículo: "A gente viu que a introdução do técnico na escola não resolve o problema da educação". Marcos condena ainda a formação técnica, por proporcionar a falta de compromisso do professor com a realidade da educação: "Os técnicos fazem tudo: dos planos de aula aos sistemas de avaliação". De acordo com o pensamento de Marcos, este sistema nunca beneficiou o ensino, porque os técnicos eram formados e exerciam a profissão sem nunca terem entrado em uma sala de aula, para saber a real situação dos alunos para quem eles faziam os planos de aula e desenvolviam os métodos de avaliação.

CRÍTICAS E PRESSÕES

Mesmo tendo sofrido várias críticas, por parte de alguns pedagogos, que consideram a modificação do currículo uma forma de elitização do ensino de Pedagogia, as mudanças na Faculdade de Educação têm demonstrado força em sua atuação. "Fomos os primeiros a implantar a mudança, e hoje já temos vários seguidores", informa Marcos Loureiro, ao contar que a Universidade Católica de Goiás também está estudando a reformulação, e que esta já foi implantada em algumas faculdades do sul do País. A reformulação pedagógica também foi motivo para muita polêmica com os profissionais formados como técnicos, que até hoje não aceitam as modificações e fazem pressões contra a reorganização curricular. "O ensino não precisa de técnicos, e sim, de professores que estejam a par da realidade de uma sala de aula", defende Marcos.

Passando da retórica para a prática, toda a reorganização pedagógica vivida na Faculdade de Educação tem sido

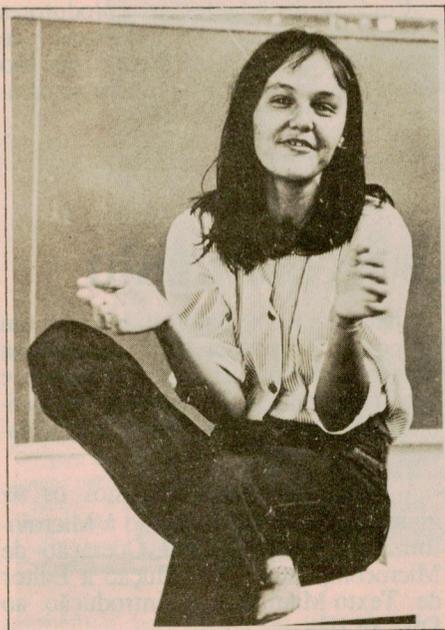


A professora Madalena Carvalho de Melo: "O novo currículo tem uma maior integração com a realidade".

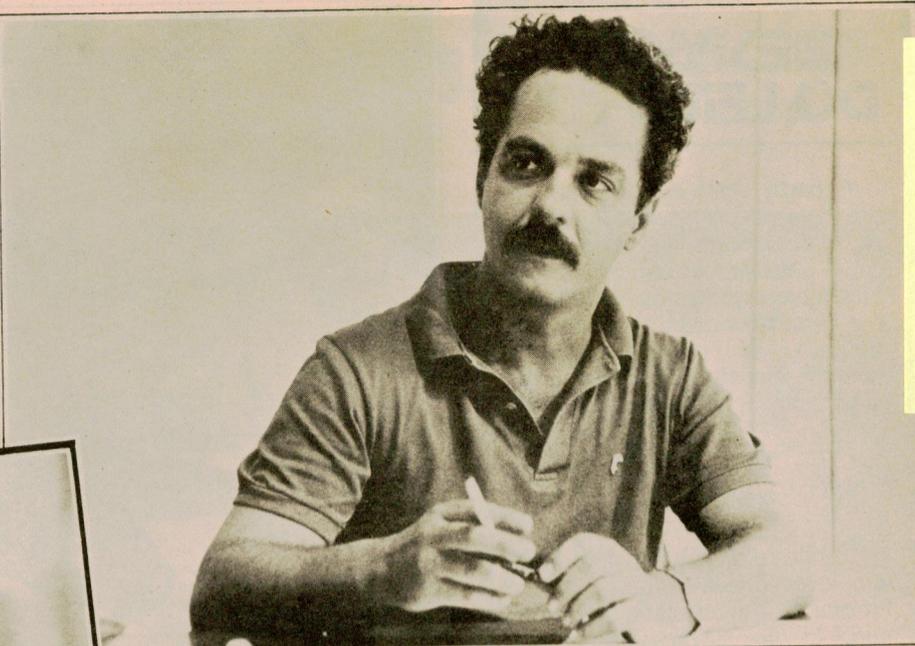
uma tarefa desenvolvida de forma gradativa, e com uma atuação bem participativa entre alunos e professores do curso. "É lógico que houve resistência, e ainda encontramos elementos do corpo docente e discente insatisfeitos", avalia o presidente do colegiado, ressaltando ao mesmo tempo a importância dos alunos em todo o processo de reformulação. "Eles passaram a ser mais exigentes, proporcionando inclusive um melhor nível de qualidade para os nossos professores", ele diz contando que houve uma maior integração de alunos e professores com a realidade da escola e as formas de ensino.

FATORES INFLUENTES

A prática da reorganização, segundo Marcos Loureiro, sofreu a influência po-



A aluna Jirlane Sousa Costa: "Deveria voltar a formação técnica".



Marcos Loureiro, presidente do colegiado do curso de Pedagogia na

Faculdade de Educação: "Os alunos ficaram mais exigentes".

sitiva de três fatores bem consideráveis: a mudança do regime acadêmico, a criação do departamento de Pedagogia e a própria reformulação curricular. Em relação ao primeiro fator — a modificação do regime de créditos para o seriado —, Marcos ressalta sua importância pelo caráter aglutinador que ele exerceu entre os alunos. "Era impossível coordenar o ensino, sendo que os professores não tinham um controle sobre os problemas e dificuldades de cada turma. No regime de seriado, isto está sendo possível", ele afirma.

A criação do departamento de Pedagogia, que centralizou as discussões sobre os problemas e propostas para a melhoria do curso, deu grande impulso para a efetivação dos planos e projetos que reformularam o ensino pedagógico. "O de-



Maria Juliana Costa, do 4.º ano de Pedagogia: "Formação de professores. Não estamos a fim de formação técnica".

partamento permitiu que todos os professores pensassem juntos sobre o curso", observa Loureiro, lembrando que todas as reuniões agora têm como preocupação básica a melhoria do curso de Pedagogia.

As modificações ocorridas no currículo do curso de Pedagogia, que também são apontadas como grandes influentes de toda a reorganização vivida atualmente, têm sua importância no sentido da formação profissional. "O aluno não tinha nenhuma ansiedade em sua profissão, e com o novo currículo eles passaram a ser mais reivindicativos, sentindo que ser professor é muito mais importante do que ser um técnico", explica Marcos.

ANÁLISES E AVALIAÇÃO

A reformulação curricular e toda a reorganização pedagógica que se instalaram na Faculdade de Educação têm sido bem analisadas pelos professores e alunos. "Este novo currículo é excelente pela forma de integração com a realidade", opina a professora Madalena Carvalho de Melo, responsável pelo "Estágio Supervisionado de Disciplinas Pedagógicas". Segundo Madalena, as alunas estão sendo muito melhor preparadas para o mercado de trabalho, e alerta ainda que "o ensino brasileiro precisa muito mais de professores que de orientadores". "Foi uma mudança importantíssima", concorda também a professora de Psicologia da Educação, Sônia Borges Motta, ao colocar que o novo currículo tem condições de dar ao aluno de Pedagogia todos os conteúdos básicos para o ensino.

Para a aluna Jirlane de Sousa Costa, 21 anos, e que está no segundo ano do curso, "a reformulação é uma injustiça". Ela lembra que os cargos técnicos ainda estão sendo oferecidos, e o formando pela Faculdade de Educação vai ser "simplesmente um professor". "Isto eu não quero", ela reclama, enfatizando ser importante a formação técnica. Pensando de forma bem diferente de Jirlane de Sousa, a acadêmica Maria Juliana da Costa, 22 anos, e que cursa o quarto ano, vê com os melhores olhos possíveis a reformulação curricular. "Não estou a fim de formação técnica. Sou contra isto, porque pretendo ser professora e não quero ninguém para podar o meu trabalho. O professor é que tem de fazer os seus planos de aula", ela alerta.